

Referência bibliográfica:

WERNECK, Christianne Luce G. A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 12, 2000, Balneário Camboriú. *Coletânea...* Balneário Camboriú: Roca/Universidade do Vale do Itajaí, 2000. p. 77-88.

---

## **A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: Implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo**

Christianne Luce Gomes Werneck\*  
CELAR/DEF/UFMG

*"A ciência jamais teve outro fundamento  
senão o da crença coletiva em seus  
fundamentos, que o próprio funcionamento do  
campo científico produz e supõe."*

Pierre Bourdieu

Inicialmente, eu gostaria de agradecer o convite para integrar esta mesa redonda, tecendo algumas considerações sobre um tema muito instigante e desafiador. Espero que as questões que proponho suscitar nos auxiliem a compreender o campo multidisciplinar em que atuamos, assim como o papel que nele desempenhamos.

Para nortear os rumos desta reflexão, recorro principalmente aos elementos fundamentais da teoria de campo elaborada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu focalizando, em especial, suas considerações sobre o campo científico. Este referencial teórico poderá fornecer subsídios para realizar uma análise sobre o lazer como um campo que pretende a cientificidade e a autonomia, isto é, como um espaço intelectual, acadêmico e social que vem congregando, nos últimos anos, os profissionais de diferentes áreas de conhecimento, as produções sobre o assunto (livros, dissertações, teses, artigos, eventos, cursos) e os interesses que vem impulsionando (e estruturando) este campo.

### **Lazer: um campo científico autônomo e estruturado?**

De acordo com BOURDIEU (1992), a noção de *campo* designa universos diferentes regidos por um mesmo modo de pensamento, permitindo assim o estabelecimento de leis gerais e invariantes para compreender a estrutura e o funcionamento dos campos, que se especificam e se particularizam em função de variáveis secundárias, bem como do grau de autonomia que possuem. Existem, assim, campos tão diversificados como as formas distintas de interesse: campo político, campo religioso, campo esportivo, campo científico e inúmeros outros. A condição de entrada em um determinado campo, que é também um espaço de jogo, é a crença na importância da sua continuidade.

BOURDIEU (1998) destaca a importância de se compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, dos aspectos materiais e simbólicos nele gerados. Afinal,

---

\* Docente e coordenadora pedagógica do Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR) do Departamento de Educação Física da UFMG. Doutoranda em Educação. Email: [chris@eef.ufmg.br](mailto:chris@eef.ufmg.br)

é preciso conhecer profundamente a lógica do campo para, ao mesmo tempo, explorá-la e desafiá-la.

O campo é também um espaço definido, em sua estrutura, pelo estado de relação de forças entre formas de poder ou espécies de capital diferentes. "Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotados de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc." (BOURDIEU, 1983b:89)<sup>1</sup>

Entre outras coisas um campo, e também um campo científico, se estabelece por meio da definição dos seus interesses específicos, assim como dos objetos que merecem ser disputados. Esses elementos, entretanto, só são percebidos por aqueles que foram formados para entrar neste campo, por aqueles que fazem parte do jogo.

No Brasil, um número cada vez mais crescente de agentes e instituições vem se reunindo em torno dos interesses próprios do lazer, num esforço coletivo por constituir um corpo de conhecimentos teórico-práticos sobre esse objeto.<sup>2</sup> Essa iniciativa visa, sobretudo, aprofundar e aprimorar os estudos construídos nesse campo, instaurando um espaço onde se manifestam relações de poder. Neste espaço, os agentes/instituições assumem posições diferenciadas, conforme a distribuição do capital social acumulado, definindo assim o *locus* onde se trava uma luta concorrencial entre os envolvidos.

Dado que o lazer pode ser concebido como um campo em intenso processo de constituição, no nosso País, percebe-se que ele não se encontra totalmente estruturado e, por essa razão, possui um grau de autonomia apenas relativa. O movimento para a autonomia pode ser compreendido como um processo de depuração, em que cada gênero se orienta para aquilo que o distingue e o define de modo exclusivo, para além mesmo dos sinais exteriores (socialmente conhecidos e reconhecidos) da sua identidade. (BOURDIEU, 1998)

No Brasil, em termos de produção científica, muitos dos estudos sobre o lazer ainda não alcançaram o nível de amadurecimento, consistência e profundidade com que outras áreas abordam determinadas questões. MELO (1999) pontua que, por um lado, grande parte dessas análises são apenas relatos de experiência que não partem de uma compreensão teórica aprofundada. Por outro, os trabalhos de pesquisa, mesmo apresentando uma discussão consistente sobre o lazer, não apontam caminhos necessários para promover um avanço qualitativo neste campo.

No entanto, esse quadro faz parte do processo de amadurecimento do lazer, um campo ainda marcado pela superficialidade com que determinados estudos e pesquisas vem sendo desenvolvidos. Isso pode ser observado, por exemplo, por meio da análise dos textos publicados nas Coletâneas do IX e do XI ENAREL, eventos realizados respectivamente em Belo Horizonte (1997) e em Foz do Iguaçu (1999). A própria estratégia de publicar, na íntegra, todos os trabalhos apresentados nesses eventos, é uma evidência da preocupação em torno da composição de um material atualizado e diversificado sobre o lazer, que divulgue e forneça subsídios para os estudos e pesquisas realizados no país.

Estando em seus primeiros estágios de desenvolvimento, a produção teórica sobre o lazer requer contribuições de outros campos já estruturados. No entanto, a busca pelos

---

<sup>1</sup> A noção de *habitus* é central para BOURDIEU (1998), e refere-se a um sistema de disposições duráveis, incorporadas, designando uma maneira de ser, uma predisposição. Essa noção remete não somente a um conhecimento adquirido, mas também a um haver, um capital.

<sup>2</sup> Entendo o lazer como uma prática social relacionada às diferentes dimensões de nossa sociedade, podendo ser compreendido em duas perspectivas: *como um direito social*, em princípio proveniente das conquistas dos trabalhadores por um tempo legalmente regulamentado; e *como uma possibilidade de produção de cultura*, por meio da vivência lúdica de diferentes conteúdos. Essa vivência é mobilizada pelo desejo e permeada pelos sentidos de liberdade, autonomia, criatividade e prazer, os quais são coletivamente construídos (WERNECK, 2000).

fundamentos produzidos em outras áreas não desmerece os estudos específicos sobre o lazer, uma vez que essas contribuições enriquecem, ainda mais, os debates e análises multidisciplinares sobre esse objeto. Em contrapartida, nota-se que a aspiração daqueles que se encontram motivados a disputar o jogo se empenham por articular elementos capazes de conferir ao lazer o status de "campo científico", instaurando uma crença de que esse campo já é autônomo e completamente estruturado. Essa crença pode ser reforçada, por exemplo, nas seguintes ações:

- Criação de cursos de graduação específicos sobre essa temática (Gestão de lazer e eventos, criado em 1998 na Universidade de Vale do Itajaí/SC, instituição que está sediando este 12º Encontro Nacional de Recreação e Lazer-ENAREL; e Lazer e indústria do entretenimento, também ofertado a partir de 1998 na Faculdade Anhembi-Morumbi, em São Paulo);
- desenvolvimento da graduação em Educação Física, com bacharelado em Recreação e Lazer na Faculdade de Educação Física da Unicamp, desde 1988;
- realização de Cursos de Especialização em Lazer – Pós-graduação *lato sensu* –, como acontece atualmente na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG e na Universidade Estadual de Londrina-UEL, dentre outros;
- constituição de uma área de concentração denominada "Estudos do Lazer", junto ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física da Unicamp a partir de 1988;
- oferta de disciplinas que visam o aprofundamento em Lazer, de acordo com a Resolução 03/87, ainda em vigor, junto a cursos de graduação em Educação Física em nosso País;
- realização de eventos científicos voltados à discussão do lazer, como é o caso do ENAREL; do Congresso Mundial de Lazer e do Grupo de Trabalhos Temáticos sobre Educação Física/Esporte e Recreação/Lazer (integrante do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) dentre outros;
- constituição da Associação Mundial e da Associação latino-americana de Lazer;
- criação, em 1998, da revista *Licere*, único periódico indexado específico sobre o lazer no Brasil;
- instituição de grupos de estudos interdisciplinares e desenvolvimento de projetos de ensino, de pesquisa e de extensão em várias universidades brasileiras, dentre outras ações que se esforçam por conferir, ao lazer, o status de campo científico.

Segundo BOURDIEU (1998:36), “o campo dos objetos de pesquisas possíveis tende sempre a organizar-se de acordo com duas dimensões independentes, isto é, segundo o *grau de legitimidade* e segundo o *grau de prestígio* no interior dos limites da definição”. As evidências listadas acima revelam, assim, que os agentes/instituições interessados no lazer estão em busca de prestígio e de legitimação científica para esse campo. Para tanto, muitos dos campos situados em uma posição considerada "inferior" acabam acatando os ditames da razão científica e espelhando-se em critérios tradicionais, pois são os reconhecidos socialmente.

De uma maneira geral, aqueles que se dedicam à pesquisa sobre objetos "desvalorizados" em nosso meio – tais como o lazer – precisam atentar para os detalhes comprometedores do discurso em torno da "seriedade" científica da área. Vale lembrar a polêmica em torno da revista *Licere* que, devido às ilustrações que apresenta, vem gerando controvérsias com relação à imagem que o periódico pode transmitir. Contudo, a dimensão científica, o rigor e a seriedade da obra não podem ser confundidos com a rigidez instaurada pelos princípios tradicionais da ciência.

Para realmente se "fazer ciência" é imprescindível ir além das meras aparências de cientificidade (pois é muito fácil simulá-las), o que muitas vezes demanda contradizer as normas em vigor, e até mesmo desafiar os critérios correntes. Para fazer avançar a ciência, é

preciso, freqüentemente, correr o risco de não se ter todos os indícios exteriores da cientificidade. (BOURDIEU, 1998)

Na luta em que cada agente deve engajar-se para impor o valor de seus "produtos", e de sua própria autoridade/competência, está sempre em questão o poder de impor uma definição de ciência que mais esteja de acordo com seus interesses específicos. O que está em jogo, no campo científico, é o monopólio da autoridade científica (definida como capacidade técnica e poder social) ou seja, o monopólio da competência científica, "compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado." (BOURDIEU, 1983a:122-123)

### **Que agentes/instituições detêm o monopólio da autoridade científica no campo do lazer?**

Considerando o interesse pela legitimação do lazer como um campo de estudos científicos, em termos gerais, foi a área da Sociologia que desenvolveu as primeiras discussões sobre este objeto. A denominada "sociologia do lazer" foi gestada nos Estados Unidos na década de 1920, a partir da necessidade de conhecimento e controle social do tempo livre dos trabalhadores nos países industrializados.<sup>3</sup> Nesse contexto, como enfatiza SANT'ANNA (1994), acirrava-se o debate em torno da criação de mecanismos de regulamentação e redução da jornada de trabalho, o que gerou uma preocupação por parte dos políticos e empresários em torno dos usos que os trabalhadores pudessem fazer do seu tempo livre, instigando a realização de pesquisas sobre o tema.

No que se refere à realidade brasileira, SANT'ANNA (1994) esclarece que as indagações feitas pela "sociologia do lazer" acabaram esbarrando, e mesmo penetrando, em outras disciplinas além da sociologia, sendo disseminadas entre profissionais de várias áreas do conhecimento, um aspecto que teve repercussão bastante significativa nos estudos brasileiros.

No Brasil, o primeiro Centro de Estudos de Lazer e Recreação foi criado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em 1973, sendo constituído por membros desta universidade e do poder público municipal. A PUC-RS foi também responsável pela realização do primeiro Curso de Especialização em Lazer, oferecido no ano de 1974.<sup>4</sup>

O sociólogo francês DUMAZEDIER (1973; 1975; 1979) representa uma grande contribuição para a constituição do lazer, enquanto um sistematizado campo de estudos no Brasil, uma vez que sua produção (fundamentada na "sociologia do lazer" norte-americana) teve grande aceitação e influência em nosso País ao longo da década de 1970.<sup>5</sup> Nesse contexto

---

<sup>3</sup> De acordo com os argumentos de PARKER (1978) – um dos primeiros autores a realizar estudos na perspectiva da "sociologia do lazer" –, esse campo é parte do desenvolvimento da sociologia em seu conjunto, cujas abordagens teóricas e métodos de investigação não eram totalmente peculiares ao lazer.

<sup>4</sup> Em novembro de 1974 ocorreu, na cidade de Curitiba, o primeiro *Seminário Nacional do Lazer* e, no ano seguinte, o primeiro *Encontro Nacional de Lazer*, no Rio de Janeiro. Em 1976 foi realizado um evento internacional (*Congresso para uma carta do lazer*), organizado pela *Fundação Van Clé* – que objetivava, entre outros aspectos, estimular o trabalho científico sobre essa questão e contribuir com a humanização do lazer para a melhoria da qualidade de vida, dentre outros –, do qual participaram representantes de quarenta e dois países, inclusive do Brasil (SANT'ANNA, 1994).

<sup>5</sup> Embora FERREIRA tenha, em 1959, publicado um livro dedicado à problemática do lazer no Brasil, foi a produção de Dumazedier, bem como o conceito por ele elaborado, que serviram de base teórica para os primeiros trabalhos de pesquisa e de intervenção relacionados ao lazer a partir de 1970.

histórico, foi significativa a organização de um grupo de estudos e pesquisas empíricas no "Centro de Estudos do Lazer" – Celazer – do Serviço Social do Comércio (Sesc) de São Paulo que, ao final de 1970, passou a contar com a orientação de Dumazedier. Os cursos ministrados e as inúmeras obras produzidas por esse autor, traduzidas e publicadas no Brasil sobretudo na década de 1970, estimularam o intercâmbio de idéias e a preocupação com o desenvolvimento do lazer, enquanto uma área de estudos e de intervenção profissional.

Alguns dos primeiros estudiosos brasileiros que se dedicaram às reflexões sobre o lazer foram o sociólogo REQUIXA (1977; 1980), a psicóloga MEDEIROS (1975) e a professora de educação física GAELZER (1979), entre outros, colaborando com o incremento da nossa produção teórica sobre o tema. Ressalta-se que alguns dos aspectos levantados por esses e outros autores privilegiam a discussão da recreação, contribuindo assim para a instalação de uma certa ambivalência, em termos de significados, da recreação com o lazer.<sup>6</sup>

Desde meados dos anos de 1980, são também expressivas as produções de Luiz Octávio de Lima Camargo e Nelson Carvalho Marcellino, que também participaram da equipe de trabalho do Sesc. CAMARGO (1986; 1999), após concluir sua pós-graduação sob orientação de Joffre Dumazedier, publicou no Brasil seu primeiro livro (*O que é lazer?*), no ano de 1986, obra que auxiliou uma compreensão mais abrangente desse objeto.

MARCELLINO é considerado, na atualidade, a mais expressiva referência sobre os estudos do lazer, sendo o autor mais citado nas pesquisas sobre o tema. Suas publicações mais importantes são *Lazer e humanização* (1983); *Lazer e educação* (1987) e *Pedagogia da animação* (1990), sendo que esses e inúmeros outros trabalhos organizados pelo autor constituem hoje o arcabouço teórico que fundamenta o conjunto dos estudos realizados sobre o lazer no Brasil. Conforme será discutido mais adiante, esse pesquisador vem ocupando a mais alta posição nas hierarquias instituídas no campo do lazer em nossa realidade, detendo assim o monopólio da autoridade científica.

Nelson Carvalho Marcellino, assim como Antonio Carlos Bramante (BRAMANTE, 1998) e Heloísa Turini Bruhns (BRUHNS, 1997), são alguns dos integrantes do quadro docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, única universidade brasileira que possui um departamento específico sobre os estudos do lazer (DEL/FEF), contando com expressivo número de docentes titulados. Deve-se aos agentes que pertencem (ou que pertenceram) ao DEL, e à FEF como um todo, o mérito da realização de empreendimentos fundamentais para o crescimento da produção teórica sobre o lazer, especialmente no decorrer das décadas de 1980/1990. Dentre essas ações, podemos citar as inúmeras pesquisas e publicações sobre o tema; o curso de graduação em Educação Física com bacharelado em Recreação e Lazer, e a constituição da pós-graduação *stricto sensu* que, como foi dito, oferece uma área de concentração denominada Estudos do lazer (com 3 linhas de pesquisa), junto ao mestrado e doutorado em Educação Física nessa universidade. Muitos dos profissionais, pesquisadores e docentes do ensino superior dedicados ao lazer, no Brasil, foram formados nesse programa de pós-graduação, na atualidade o único direcionado para a formação específica, em lazer, nesse nível.

Desde 1990, a Universidade Federal de Minas Gerais também vem se destacando no cenário nacional, sobretudo a partir da criação do Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR), junto ao departamento de Educação Física desta instituição, a partir da iniciativa de Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto, professora que vem se dedicando à realização de vários projetos e ações teórico-práticos sobre o lazer (PINTO, 1998). Essa autora possui

---

<sup>6</sup> Em recente pesquisa, dediquei-me à compreensão das históricas relações constituídas entre a recreação e o lazer no Brasil, e os dados coletados evidenciaram que a automática ligação entre essas palavras é feita em função da direta vinculação entre os termos, e não de seu(s) significado(s), que prima(m) pela ambigüidade e falta de clareza com relação a muitas dessas questões. Na dúvida, a solução encontrada baseou-se na simples associação, sem que se tivesse um real dimensionamento do que isso representava (WERNECK, 2000).

inúmeros trabalhos publicados sobre essa temática, e vem colaborando com o enriquecimento dos estudos realizados nesse campo não apenas no contexto mineiro, mas em todo o Brasil.

O CELAR vem agregando estudiosos de diferentes áreas de conhecimento em torno das questões fundamentais do lazer, considerando o ensino da graduação e pós-graduação *lato sensu* como pontos de partida para ações multidisciplinares que concretizem propostas articuladas com a pesquisa e a extensão nessa área. Além de ofertar, regularmente, o Curso de Especialização em Lazer (desde 1993), esse centro de estudos vem organizando grupos de estudo; realizando assessorias acadêmicas; promovendo debates curriculares e eventos científico-culturais; desenvolvendo pesquisas e intercâmbios institucionais, além de colaborar com a estruturação de acervo bibliográfico e investir na publicação de pesquisas científicas, estudos e experiências sobre o lazer, sobretudo por meio da já citada revista *Licere*. Os atuais empreendimentos do CELAR vem sendo coordenados por dois docentes do departamento de Educação Física: pelo professor Hélder Ferreira Isayama, e por mim. Contando com o apoio de outros profissionais, docentes, pesquisadores e acadêmicos, somos responsáveis por fomentar e orientar projetos e ações relacionados ao lazer no âmbito de nossa instituição (ISAYAMA, STOPPA, 1999; WERNECK, 2000).

No Brasil, existem vários outros agentes e instituições constituindo grupos de estudo e outras propostas importantes para o campo do lazer, e eu não gostaria de desmerecê-las. Muitos deles não se encontram, inclusive, ligados diretamente a universidades, apesar de ser este o local que mais vem investindo no lazer, do ponto de vista da legitimação científica. Como é praticamente impossível fazer, aqui, todo esse levantamento, saliento apenas outras duas instituições e seus agentes mais expressivos, cuja produção científica sobre o lazer também vem crescendo, em termos de repercussão, no contexto brasileiro: a Universidade Federal de Pernambuco, através do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o lazer, coordenado pela professora Tereza França (FRANÇA, 1997), que vem mobilizando acadêmicos para desenvolver trabalhos comunitários; e a Universidade Estadual de Londrina, por ser uma instituição que também vem consolidando um centro de estudos sobre o tema e oferecendo, desde a segunda metade dos anos de 1990, o curso de Especialização em Lazer coordenados, atualmente, pela professora Elza Peixoto (PEIXOTO, 1996), também encarregada da administração de uma lista de discussões à distância, via internet, sobre a questão da formação profissional em recreação e lazer.

Nos dias atuais, esses são alguns dos agentes e instituições que, em certa medida, detêm o monopólio da autoridade científica, no tocante ao campo do lazer no Brasil. Como coloca BOURDIEU (1983a), neste espaço são manifestas relações de poder, nas quais os agentes/instituições assumem posições diferenciadas no seu interior, de acordo com a quantidade de capital social acumulado. É travada, assim uma luta concorrencial entre esses "protagonistas", com destaque para os objetos de disputa colocados nesse jogo e para as formas específicas assumidas na luta pela autoridade.

### **A partir de que formas específicas se processa a luta pela autoridade científica, e que objetos de disputa são colocados nesse jogo?**

A estrutura de um campo científico se define pelo estado das relações de força entre os agentes ou instituições engajados na luta, isto é, pela estrutura da distribuição do capital específico acumulado nos embates anteriores. Um campo científico é, assim, o espaço de uma luta entre agentes diferentemente dotados de capital específico, de maneira que a apropriação do produto do trabalho científico, que os concorrentes produzem, é também distinta.

Num determinado estado do campo, os investimentos dos pesquisadores dependem tanto em termos de importância (por exemplo, o tempo dedicado à pesquisa), quanto da quantidade de capital atual/potencial de reconhecimento. Dependem, ainda, da posição atual e potencial ocupada no campo, o que requer a identificação das formas específicas entre o "novo" que está entrando e o "dominante" que se esforça por defender o monopólio e eliminar a concorrência.

Em todo campo se colocam (com forças mais ou menos desiguais, dependendo da distribuição do capital científico, isto é, do grau de homogeneidade) os "dominantes" (aqueles que ocupam as posições mais altas na estrutura do campo) e os "dominados" (os novatos, na maioria das vezes os mais jovens, detentores de um capital científico tanto mais importante quanto maior o valor dos recursos científicos acumulados no campo).<sup>7</sup>

Na luta que os opõem, "dominantes e dominados" podem recorrer a estratégias opostas em sua lógica e em seu princípio. Segundo BOURDIEU (1983b), aqueles que detêm o monopólio do capital específico tendem a estratégias de conservação, enquanto os que possuem menos capital tendem a estratégias de sucessão, ou de subversão. Um campo é, assim, um espaço de jogo onde os agentes e as instituições compartilham da posse de uma certa quantidade de capital (cultural, social ou econômico) suficiente para ocupar posições dominantes no seio de seus respectivos campos, com a utilização de estratégias que visam conservar ou modificar essa relação de forças.

Os "dominantes" visam a perpetuação da ordem científica estabelecida com a qual compactuam, ordem essa que engloba o conjunto das instituições encarregadas de assegurar a produção e a difusão dos bens científicos, bem como a política editorial da área. São, assim, inclinados a admitir que a ordem científica na qual são colocados seus investimentos, e de cujos lucros se apropriam, é o que deve ser realizado, reforçando muitas vezes a filosofia espontânea da ciência (que se expressa na tradição positivista), na qual os mais "poderosos" são também os mais "competentes".

Os novatos, por sua vez, podem orientar-se para as estratégias de sucessão (próprias para lhes assegurar os lucros prometidos àqueles que realizam o ideal da excelência científica oficial, pelo preço de realizar inovações restritas aos limites autorizados); ou para estratégias de subversão (investimentos mais arriscados que só podem assegurar os lucros prometidos com a completa redefinição dos princípios de dominação legitimados).

A oposição entre as estratégias de conservação e de subversão tendem a se enfraquecer à medida que aumenta a homogeneidade do campo e que diminui, correlativamente, a probabilidade das grandes revoluções periódicas em proveito das pequenas e constantes revoluções, uma vez que há um paradigma estabelecido e não esgotado.

No campo do lazer, observa-se que a homogeneidade teórica é bastante representativa. MELO (1999) enfatiza essa questão e ressalta a necessidade de superar determinados enfoques nos quais os autores se auto-reproduzem, muitas vezes de forma automática e não crítica. Como não são explicitados a que "autores" estes questionamentos se dirigem, é necessário ler, nas entrelinhas, o que este estudioso quer realmente dizer ao chamar atenção para esse aspecto, que só é percebido por aqueles que estão engajados no jogo.

Pode-se afirmar ainda que, no contexto da produção teórica sobre o lazer no Brasil, *a comunidade reunida em torno desse objeto* faz com que a produção de MARCELLINO (1983; 1987; 1990) acabe funcionando como um verdadeiro "paradigma". Como nos diz KHUN (1997), no seu uso estabelecido, um paradigma é um modelo ou padrão aceitos. Para ser aceita como um paradigma, ou mesmo como um "pré-paradigma", uma

---

<sup>7</sup> BOURDIEU (1983b) adverte que, para compreender as transformações das práticas científicas que acompanham o avanço na carreira, é preciso relacionar as diferentes estratégias científicas não com os grupos de idade, mas com a importância do capital possuído. Esse capital, ao definir a cada momento as chances objetivas de lucro, define também as estratégias "razoáveis" de investimento ou desinvestimento.

teoria deve parecer melhor que suas competidoras, mas não precisa (e de fato isso nunca acontece) explicar todos os fatos com os quais pode ser confrontada.

Alguns autores vêm se dedicando à discussão sobre o lazer mas, em termos de repercussão, a produção de MARCELLINO (1983; 1987) é bastante considerável em nossa realidade, representando uma referência básica para os estudos realizados – posição que já foi ocupada por Joffre Dumazedier ao longo dos anos de 1970/1980. Sua produção representa, assim, um paradigma estabelecido no campo do lazer nos dias de hoje; suas análises, fundamentadas na perspectiva do filósofo italiano Antonio Gramsci, continuam sendo uma unanimidade entre as discussões empreendidas sobre o tema em nossa realidade. Nenhum outro autor brasileiro conseguiu ser tão conhecido (e reconhecido) no País.

Apesar das considerações de MARCELLINO (1987) e de outros agentes "dominantes" – termo utilizado por Bourdieu – (BRAMANTE, 1998; BRUHNS, 1997; CAMARGO, 1998; PINTO, 1998) serem alvo de críticas por parte dos estudiosos engajados no campo, os questionamentos às concepções desses autores, muitas vezes, só acontecem nas entrelinhas, ou são abordados apenas em cursos e grupos de discussão, deixando de ser veiculados por meio da produção escrita. O embate teórico sobre o lazer não é explicitado, assim, por meio de publicações, com análises criteriosas sobre a produção dos autores da área. Este é um dos aspectos fundamentais para o almejado avanço qualitativo da produção no campo do lazer.

A luta pela autoridade, ou pela competência científica, deve o essencial de suas características ao fato de que os produtores no campo do lazer têm, como possíveis "clientes", não apenas seus próprios concorrentes, mas toda a comunidade congregada em torno das questões relacionadas ao lazer. Num campo científico fortemente autônomo, um agente só pode esperar o reconhecimento do valor de sua produção dos outros agentes que, sendo também seus concorrentes, só reconhecerão a sua importância após muita discussão ou exame.

Sem discussão e exame das produções dos "concorrentes", cada autor estabelece estratégias "diplomáticas" no trato com ou outros agentes expressivos no campo do lazer. Essas estratégias são utilizadas no sentido de buscar a sua consagração e assegurar a autoridade científica por meio de vários distintivos: por exemplo, por meio da participação (como palestrante) em eventos sobre o tema, em comissões científicas e em conselhos editoriais; da autoria das concepções de lazer mais aceitas e difundidas na área; do uso da expressão utilizada para designar o tempo no qual o lazer acontece (livre, disponível ou conquistado?); da compreensão das relações constituídas entre a recreação e o lazer (a recreação é uma atividade, uma função, a mesma coisa que o lazer ou nenhuma dessas opções?); dos enfoques adotados para o tratamento do lazer (teoria x prática; perspectivas críticas x perspectivas funcionalistas; lógica excludente do mercado x perspectiva da inclusão; política assistencialista x política educativa da autonomia), entre outros, que garantem o reconhecimento de seu criador, ou "patenteador".

O reconhecimento de um agente/instituição é função do valor distintivo de seus produtos e da originalidade coletivamente reconhecida à contribuição que ele traz aos recursos científicos anteriormente acumulados. Acumular capital é fazer um "nome", um nome conhecido e reconhecido que seja capaz de distinguir seu portador. É este o distintivo maior desejado por todos aqueles que participam do jogo.

A autoridade científica é, assim, uma espécie particular de capital que pode ser acumulado, transmitido e, algumas vezes, até ser revestido em outras espécies, desde que observadas determinadas condições. Quem detém essa autoridade consegue atrair estudantes com potencial, obter fundos para pesquisa, conseguir subvenções e bolsas, convites, distinções, recursos que possibilitam a continuidade e a conservação do jogo, tal como se encontra estabelecido.



No que diz respeito ao discurso sobre a cientificidade e autonomia do campo do lazer, o que realmente desejamos: modificar ou conservar este jogo?

### **Considerações finais**

Mesmo com as estratégias de subversão articuladas, os fundamentos e as crenças sobre as quais o jogo se apoia jamais são colocados em questão, pois todos compactuam com a valorização do que é produzido no interior do campo. Assim, considerando que todos os agentes e instituições engajados em um campo determinado têm interesses em comum, a cumplicidade estabelecida acaba superando todos os antagonismos. Nesse sentido, a luta pressupõe um acordo sobre tudo aquilo que constitui o próprio campo, os objetos de disputa, os pressupostos tacitamente aceitos – mesmo sem que se saiba, pelo simples fato de entrar no jogo.

Entrando no jogo, ajudamos a produzir a crença coletiva no valor do que está sendo disputado. Mas, ao participar deste jogo, é imprescindível indagar: até que ponto é necessário produzir e reproduzir a crença de que o lazer é um campo científico autônomo e estruturado?

Antes de reconhecer o valor de um campo (sobretudo perante outros campos) é necessário, pois, conhecer os princípios que regem e os interesses que impulsionam o seu próprio funcionamento. Essa medida supõe, primeiramente, a compreensão do campo tal como ele é para que, em seguida, possamos esboçar reflexões e traçar novos encaminhamentos, dando continuidade (ou não) à reprodução a-crítica e dogmática do jogo estabelecido.

Esse processo precisa ser desencadeado no interior do próprio jogo por meio não somente da constituição de um sólido corpo de conhecimentos teórico-práticos sobre o lazer – o que requer, necessariamente, contribuições de diversas áreas –, mas também do diálogo, da solidariedade, do risco, do respeito à diferença e da troca de idéias e experiências. Esses elementos poderão conferir novas possibilidades para a competição que impulsiona o jogo, transformando-o num empreendimento coletivo e multifacetado, comprometido com a superação dos desafios que se colocam ao lazer, enquanto um campo multidisciplinar.

Finalizando, enfatizo uma vez mais a importância de compreender profundamente a lógica do nosso campo, explorá-la e desafiá-la; analisar os interesses específicos e os objetos de disputa colocados em jogo. Para tanto, é fundamental possibilitar a construção, a socialização e o registro de conhecimentos, o que pode ser concretizado através da realização de pesquisas e do investimento na política editorial sobre o lazer. Essas e outras ações coletivas e multidisciplinares poderão contribuir não apenas com o aprofundamento dos estudos realizados sobre o lazer no Brasil, mas, principalmente, com o repensar do (frágil) discurso sobre a cientificidade e a autonomia desse campo.

### **Referências Bibliográficas**

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.  
BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983a . p. 122-155.  
BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.  
BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.

- BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. *Licere*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 9-17, set. 1998.
- BRUHNS, Heloisa T. Relações entre a educação física e o lazer. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. P. 33-59.
- CAMARGO, Luiz Octávio de L. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.
- CAMARGO, Luiz Octávio de L. *O que é lazer?*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COLETÂNEA DO IX ENAREL – Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997.
- COLETÂNEA DO XI ENAREL – Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Cascavel: Unioeste, 1999.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Questionamento teórico do lazer*. São Paulo: Sesc, 1975.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- FRANÇA, Tereza et. al. Projeto de consolidação do Núcleo de Estudos do Lazer. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 9, 1997, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997. p.635-643.
- GAELZER, Lênea. *Lazer: bênção ou maldição?* Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 1979.
- ISAYAMA, Hélder F, STOPPA, Edmur A. Lazer e empresa: a questão do lazer dos profissionais do lazer. In: MARCELLINO, Nelson C. *Lazer & empresa: múltiplos olhares*. Campinas: Papirus, 1999. p. 163-175.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- Licere*, Belo Horizonte, v.1, n.1, set. 1998. 143p.
- Licere*, Belo Horizonte, v.2, n.1, set. 1999. 207p.
- Licere*, Belo Horizonte, v.3, n.1, set. 2000. 203p.
- MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*. Campinas. Papirus, 1987.
- MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e humanização*. Campinas. Papirus, 1983.
- MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da animação*. Campinas. Papirus, 1990.
- MEDEIROS, Ethel B. *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- MELO, Victor A. Lazer: intervenção e conhecimento. In: CONGRESSO REGIONAL SUDESTE DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1, 1999, Campinas. *Anais...* Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, 1999. p.17-21.
- PARKER, Stanley. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PEIXOTO, Elza. Pra não deixar o cérebro na máquina: o jogo dos sentidos no processo de produção do discurso do lazer. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 9, p. 246-256, dez. 1996.
- PINTO, Leila Mirtes S. de M. Lazer: concepções e significados. *Licere*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 18-27, set. 1998.
- REQUIXA, Renato. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- REQUIXA, Renato. *Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980.
- SANT'ANNA, Denise B. *O prazer justificado; História e lazer – (São Paulo, 1969/1979)*. São Paulo: Marco Zero/MCT-CNPq, 1994.
- WERNECK, Christianne L. G. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG/CELAR, 2000.